

EÇA DE QUEIRÓS: ENTRE JORNALISMO E FICÇÃO

EÇA DE QUEIRÓS: BETWEEN JOURNALISM AND FICTION

Elza Miné

Universidade de S. Paulo – CNPq

RESUMO

Tendo começado como jornalista, Eça, durante toda a sua vida, manteve-se sempre ligado à imprensa periódica. E assim foi que nos acenou com a perspectiva de nele procurarmos apreender continuidades entre jornalismo e ficção. O presente estudo apresenta breve exame de uma faceta dessas aludidas continuidades. Ou seja, quando procedimentos comumente associados a romances e contos são usados em textos jornalísticos, no caso, o tratamento deslizante dado a personalidades históricas e artísticas, a intervenientes políticos, tornando-os personalidades-personagens.

Palavras-chave: Eça de Queirós, personalidades-personagens, Arabi, Sara Bernardt

ABSTRACT

Having started his career as a journalist, Eça, throughout his life, always remained connected to the periodical press. It is through this link that he beckoned us to attempt to grasp continuities between journalism and fiction. This study presents a brief examination of one facet of these continuities, i.e. it examines when procedures commonly associated with novels or short stories are used in journalistic texts. In this case, it is a borrowed treatment given to historical and artistic personalities and political actors, making them personality-characters.

Keywords: Eça de Queirós, personality-characters, Arabi, Sarah Bernardt

É de todos conhecido ter sido muito comum, no século XIX, que poetas e romancistas tenham se dedicado ao jornalismo, antes de publicarem seus primeiros livros de poemas ou seus primeiros romances ou livros de contos. Além desses, cujos inícios de carreira se veem marcados por tal circunstância, seja na Inglaterra, na França, no Brasil, em Portugal, há ainda os que, durante toda a vida, mantêm laços com a imprensa periódica de seu tempo, exercendo as mais diversas funções: editores, redatores, correspondentes de imprensa, comentaristas políticos, cronistas, folhetinistas, nas mais variadas formas assumidas pelo rodapé.

Ora, nada mais natural que a produção desses autores nas duas vertentes, jornalismo e ficção, apresentem zonas de diálogo, continuidades. E é aos leitores da obra de Eça de Queirós que proponho um breve exame de uma das facetas dessas possíveis e aludidas continuidades. Ou seja, quando procedimentos comumente associados a romances, a novelas e contos são usados em textos jornalísticos, entre eles, o tratamento deslizante dado a personalidades históricas e artísticas, a intervenientes políticos, tornando-os personalidades-personagens.

Quando há muitos anos estudei a questão dos Ingleses no Egito (série de artigos publicados na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em fins de setembro e em outubro de 1882) constante do volume póstumo *Cartas de Inglaterra*, e integrando hoje o volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV – da Gazeta de Notícias* (2002) me chamara particularmente a atenção a constituição do que então chamei de “personalidades-personagens”. Aliás, a designação personalidades-personagens ocorreu-me, inicialmente, por sugestão do próprio Eça, que chama o *Times*, o *Standard*, o *Spectator* de “jornais-personagens”, deles fazendo deliciosas apresentações antropomorfizadas.

Observei também, nessa altura, que a apresentação e os comentários de tal questão, “Os Ingleses no Egito”, não constituíam meramente um retrospecto, não eram uma simples reconstrução dos acontecimentos registrados. Detinha-se o narrador-jornalista na apreciação de fatos políticos e, para tanto, estabelecia relações de causa e efeito, integrava-os no contexto egípcio, inglês e europeu, levava sempre em consideração as reações da imprensa inglesa em face desses sucessos, numa abordagem que se estruturava como evidente denúncia do imperialismo inglês. Partindo de uma situação concreta, de um dado da atualidade, tomava-a como exemplificação de um comportamento político da Inglaterra que se repetia também em outros casos.

Ora, apresentar, comentar, analisar, explicar, opinar são procedimentos específicos do jornalismo político, aliás, reiteradamente mobilizados por Eça em seus textos de imprensa. Mas o curioso é que, no caso em exame, os fatos apresentados e discutidos, embora fiéis ao efetivamente acontecido, comparecem rearrumados segundo núcleos climáticos cuidadosamente preparados, marcados por uma tensão própria do desenvolvimento novelístico, donde mostrarem-se totalmente funcionais as “alterações” operadas na cronologia. Assim, o estabelecimento das sequências da ação, a dilatação do espaço narrativo, a criação de cenários, evidenciam a ação plasmadora do ficcionista e não estranha, portanto, que intervenientes políticos envolvidos no conflito, sejam apresentados e caracterizados como personalidades-personagens.

Arabi, por exemplo, coronel do exército egípcio e chefe da insurreição reformista encarna os ideais nacionalistas, antagonizados por John Bull, personificação da Inglaterra em sua política imperial que consistia em ‘ser forte, cair sobre o fraco, destruir vidas e empolgar fazendas’”. (Queirós, 2002: 175-221)

As ideias e comportamento de Arabi apresentam-se como ditados pelo meio profissional donde provem. Ao levantar os seus

anteriores, o jornalista estabelece o *background* da personalidade-personagem, pelo qual se explicam ou se justificam as atitudes que toma no desenvolvimento da ação, como rezavam os pressupostos da escola realista. Explicam-no sua origem e as condições ambientais em que vive, e o narrador o constrói com as qualidades do herói positivo: é o homem de visão, lutando por suas convicções.

Outras personalidades históricas evocadas nesse conjunto de textos – Gladstone, Seymour, o Quediva, o Sultão, Dervixe-Paxá – recebem breves caracterizações, através de um aposto-rótulo, síntese da feição dominante da participação que assumem na narrativa em questão. Assim, o Quediva, presença decorativa no intrincado cenário político, é “esse excelente e pacato moço”, “esse amável príncipe tão doce ao estrangeiro”, Dervixe-Paxá, “a manhosa raposa”, Ismail-Paxá, “esse esplêndido perdulário” e assim por diante. Tais apresentações sintéticas, funcionando como rotulações breves, de grande força expressiva, atenderiam também à exigência de brevidade requerida pelos textos de imprensa.

A apresentação de personalidades em textos de imprensa queirobianos mostra-se sempre motivada: seja pela morte, seja por participação relevante em questões ou conflitos do momento em que estejam envolvidas. No traçado de seus respectivos perfis, sempre atuante, a utilização ficcional da história e da própria imprensa que, teoricamente, teria um compromisso com os fatos acontecidos, o recurso à força plasmadora do imaginário, a vetorização promovida pelas implicações de um propósito de ação pela palavra – como Eça entendia ser função do jornalismo. Por fim, mas não menos importante, o tratamento deslizantemente ficcional dado à construção das personalidades históricas ou públicas, ou seja, estratégias de apresentação e caracterização, traços estilísticos recorrentes, bem como vinculações ao contexto histórico e social – instituindo-as como personalidades-personagens.

É esse mesmo movimento ficcionalizante que pode também ser observado quando, no século XIX, na década de 90, entre os dados de atualidade apresentados pela imprensa francesa, o nosso narrador-jornalista seleciona, como ponto de partida para a sua colaboração publicada na *Gazeta de Notícias* de 20 de fev. de 1897, a “Apoteose de Sara Bernardt”, como foi chamada a Journée Sara Bernardt, de acordo com o programa oficial e que teve lugar no dia 9 de dezembro de 1896. Nesta data, os seus admiradores organizaram a apoteose de seu ídolo, reunindo cerca de 500 convivas para um banquete no Grand Hotel, em Paris, a que se seguiu a homenagem de seus poetas. Trata-se do texto “Aos estudantes do Brasil – sobre o caso que deles conta Mme. Sara Bernardt” (Queirós, 2002: 635-648), penúltimo conjunto de três matérias enviadas por Eça à *Gazeta de Notícias*, ali publicadas nos dias 20, 21 e 22 de fevereiro de 1897 (Bilhetes de Paris) (Queirós, 2002: 636-648).

Ora, falar em Sara Bernardt é termos em conta que suas apresentações no Brasil se inserem no quadro da maciça presença de companhias dramáticas estrangeiras entre nós, em particular no Rio de Janeiro dos dois últimos decênios do século XIX:

É impressionante verificar nos jornais da época que praticamente todas as grandes celebridades europeias representaram em nossos palcos. Tudo indica que tais excursões eram um bom negócio para as companhias dramáticas vindas principalmente da França, Portugal, Itália, Espanha que não se intimidavam nem com a cansativa travessia do Atlântico, nem com os riscos da febre amarela. Só a perspectiva de grandes lucros explica, por exemplo, as três viagens que Sara Bernardt, talvez a maior atriz de seu tempo, fez ao Brasil em fins do século XIX e início do século XX. Consagrada em toda a Europa, seguramente ela não precisava dos aplausos brasileiros para sua glória. (Faria, 2001:179-186)

Eça declara, jocosamente, ao fim do primeiro bilhete dos três já referidos que: “para conversar sobre este caso, que me sufoca, eu necessito o ar, o espaço e a tranquilidade de outro bilhete” (Queirós, 2002: 639) e mobiliza, estrategicamente, o retardamento suspensivo, recurso eminentemente folhetinesco.

Em realidade, neste texto inicial, despertada a curiosidade do leitor brasileiro já pelo título e pela referência “a uma concisa apologia da Vida e do Gênio da atriz”, por ela publicada no *Fígaro*, o narrador se detém longamente na apresentação vincadamente irônica de traços fundamentais que gradativamente irão construindo sua personalidade-personagem. Começa ele por afirmar: “Ora, eu creio que a apologia de Mme Bernardt é sólida e verídica” (Queirós, 2002: 635), mas é importante lembrar, ajuntamos nós, que ela foi chamada, por muitos dos seus biógrafos, “menteuse sincère”, traço este também subjacente à composição queirosiana dessa personalidade-personagem que foi, sem dúvida, a mais famosa atriz do século XIX e inícios do XX.

Retomando Eça:

a apologia de Mme Bernardt é sólida e verídica. Ela não nasceu nem da vaidade, nem da ilusão. Não temos aqui uma velha e manhosa atriz que, por hábito de camarim e de maquilhagem, devendo recapitular diante de um público crédulo a sua carreira, a sobrecarrega à pressa com grossas pinceladas de púrpura de ouro, para lhe dar a radiância postiça dum sol. Não temos aqui também uma ingênua criatura que, vivendo sempre dentro duma luminosa névoa de louvores, perde o sentimento exato da sua estatura, se considera tão grande como esse iluminante nevoeiro a aparenta, e, docemente embriagada alude à sua grandeza e com a simplicidade e a graça lhana com que aludiria à cor dos seus olhos que não pode disfarçar nem pintar. (2002: 635)

Na citação seguinte, em tipo de encaminhamento retórico-argumentativo podemos ler: temos aqui uma atriz experiente, manhosa, nada ingênua. Ou seja, pela negativa é que se colocam as qualificações, como se pode observar nas frases constantes entre colchetes, as quais redigimos, com o intuito de chamar a atenção para as formulações eminentemente irônicas de Eça de Queirós:

Não! Nesta Apologia de Mme Bernardt há meramente uma mulher muito conscienciosa, muito séria, que, em perfeito silêncio e perfeita solidão, longe do sussurro adulator das turbas [era o de que ela mais gostava...], se coloca em frente de sua vida, a interroga, a esquadrinha, a revive, e não encontrando através dela senão altos feitos, concepções geniais, triunfos radiosos, influências nobremente exercidas, se vê forçada [apesar da sua modéstia e da sua humildade] a confessar publicamente, estridentemente, que é heroica, que é genial, que é triunfadora e que bem mereceu dos Povos! Por isso, Mme Bernardt muito candidamente e baixando os olhos, chamou ao seu documento Exame de Consciência (Queirós, 2002: 635-636)

No processo de caracterização dessa personalidade-personagem, uma estratégia interessantíssima de que o narrador lança mão me parece ser a apropriação *sui generis* do soneto que Edmond Rostand recitou para a sua querida Sara no dia da Apoteose. (Guibert 2000: 167-168).

Se em textos como “Os ingleses no Egito”, em que uma trama narrativa prioritariamente se entretetece, a instituição de personalidades-personagens varia de grau, obedecendo, para tanto, diretamente às determinações da trama e da ação propostas. Consequentemente decorrem perfis mais densos ou meros esboços, às vezes reduzidos a um traço dominante fixado pela eficácia econômica de um apóstrofo-rótulo.

Já em matérias jornalísticas como “Carnot” ou “O conde de Paris”, para ficar com as finisseculares, temos efetivamente um perfil, tipo pequeno ensaio biográfico. No caso dos “Estudantes do Brasil” (em que o “episódio” Sara Bernardt é focalizado) há uma fusão das duas tendências.

O texto completo dos três bilhetes aqui lembrados se espalha por 12 páginas em que progressivamente vamos, como leitores, montando a imagem altamente crítica que Eça nos oferece de Sara Bernardt, personalidade de alta popularidade e importância do teatro *fin de siècle*, compondo-a com foros indiscutíveis de personagem.

Por isso mesmo, o nosso Eça assim termina o Bilhete II em que são narradas as sucessivas homenagens que Sara recebeu na Austrália, no Canadá, no Chile, antes da chegada ao Brasil:

Mas a folha do meu bilhete findou – necessito outra folha. Assim folha com folha se faz um bosque; – um bosque onde eu me quereria esconder para não presenciar os casos estranhos e sombrios que, com Sara e por Sara, se vão passar nesta terra que é quase a minha terra.

Mas aí vem a catraia da Alfândega e a *Dama das Camélias*, *D. Sol*, *Fedra*, outras ainda, tocantes ou terríveis, todas numa só, desembarcam. (Queirós, 2002: 643)

É Sara Bernardt, a nossa personalidade- personagem...

Lembre-mo-nos que este conjunto de três bilhetes apresenta-se incessante e profundamente marcado por divertida mas implacável ironia. Para um contato direto com esta amostra tão genuinamente queirosiana, deixamos o início do terceiro bilhete que permitirá ao nosso leitor imediatamente um recorte nítido dos dois alvos atingidos galhofeiramente por Eça: a própria Sara e os estudantes do Brasil:

Enfim eis Mme Bernardt nessas terras tão famosas de Santa Cruz, que (segundo se depreende do seu *Exame de Consciência*) ela, à maneira dos

Sousas e dos Anchieta foi simultaneamente conquistar e civilizar. E eu tenho pressa de chegar também ao caso estranho, à homenagem estranha que ela de vós recebeu, oh!, meus amigos, tal como vem nesse *Exame de Consciência*, com uma simplicidade, um tom de grande modéstia, que são deliciosamente tocantes: “No Brasil (diz Mme Bernardt, em palavras que copio e que desejo fiquem para sempre adicionadas à história da República), no Brasil os estudantes arrancavam os sabres e distribuíam cutiladas, porque os não deixavam desengatar os meus cavalos, meter os ombros aos varais e puxar eles a minha carruagem! Aqui está! É simplesmente essa beleza! (Queirós, 2002: 644)

Apenas um quarto bilhete, de São Paulo para Coimbra:

Mais uma vez, Carlos Reis, dentre tantas, e há tantos anos, Eça nos põe em contato!...

Quando recebi a notícia da presente homenagem, ocorreu-me que uma forma de festejá-lo seria retomar um trabalho cujo esboço apresentei em encontro em Coimbra, por você convocado. O projeto, nunca esquecido, ficara lá atrás, como uma promessa não cumprida ou uma dívida a pagar a dois feiis companheiros de percurso – Eça jornalista e você.

Receba portanto, Carlos, a pequena amostra que hoje lhe dedico, com a amizade e a cumplicidade queirosiana de sempre

Elza Miné.

REFERÊNCIAS

- FARIA, João Roberto (2001). *Ideias Teatrais*. S. Paulo: Perspectiva/Fapesp.
- GUIBERT, Nöelle (Org). (2000). *Portrait(s) de Sarah Bernhardt*. Paris: Bibliothèque Nationale de France.
- MINÉ, Elza (1986). *Eça de Queirós jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte.
- QUEIRÓS, Eça (2002). *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

